

Público

03-10-2013

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Política

Dimensão: 191

Imagem: S/Cor

Página (s): 51

Para o reforço do PS

Debate Eleições autárquicas

Vítor Ramalho

As autárquicas foram as primeiras eleições realizadas sob o Governo mais impreparado e desumano da nossa história recente.

Em eleições autárquicas, os resultados não deixam de ser influenciados pela avaliação da ação dos governos. No rescaldo, a direita teve uma profunda derrota e o PS um excelente resultado. Mas não devemos ficar por aqui na leitura...

Os eleitores, ao votarem, foram claros. Demonstraram descontentamento nos partidos políticos. Aumentou de forma significativa a abstenção, os votos brancos e nulos mais do que duplicaram, validaram-se candidaturas independentes, todos os partidos tiveram menos votos que em 2005 e o partido mais votado e que alcançou maior número de municípios ficou com cerca de 37% de votos.

Devem ser tiradas conclusões. Desde logo pelo líder do PSD, que foi derrotado em toda a linha e mesmo na cidade onde era autarca. Mas também o PS o deve fazer, com humildade, procurando aprofundar o resultado no futuro retificando o que correu menos bem.

Parece-me haver, para o efeito, no PS, duas abordagens incontornáveis: uma sobre o projeto do partido para o país e outra sobre a sua orgânica. A primeira respeita à alternativa. Que é patrioticamente inadiável. A segunda à militância. Que é imperioso que seja genuína.

A alternativa deve passar agora pela recriação da esperança no futuro, só possível se reforçar ainda mais o combate ao neoliberalismo que ocupou o papel do mercado e conduziu a políticas cegas de austeridade. Ela deve assentar, sem transigências, nos valores do socialismo democrático e encontrar expressão num projeto claro, amplamente percecionado e mobilizador dos portugueses. O problema não é de gestão. É importante sublinhá-lo, tanto mais que se fala agora num possível segundo resgate, e é intenção da maioria de direita, e parece que do próprio Presidente da República, de envolver o PS.

A militância respeita à orgânica. Daí a importância do conceito, que incorpora um dever cívico acrescido. Ser militante é ter um dever de pertença ao partido, não sendo compatível com transigências em filiações fugazes, massificadas em sindicatos de voto, com objetivos instrumentais de luta por cargos nos processos eleitorais internos e por sustentação do clientelismo partidário. É necessário avaliar se, apesar do esforço sério das candidaturas, não residem também aí os resultados menos positivos, de que é exemplo o distrito de Setúbal, com destaques não recomendáveis em Alcácer do Sal e em Grândola. É que essa *praxis* condiciona ou aprisiona mesmo as direções partidárias nas suas opções. Afinal “não existem almoços grátis” e, por conta, a democracia fica ameaçada.

São estas abordagens, que, perante o quadro existente, assumem, como disse, dimensão patriótica, que agora estão em cima da mesa. É, por isso, a hora de as enfrentarmos com coragem.

Ex-líder da Federação do PS de Setúbal